

SABOTAGE#0

write.as/sabotage

Mundo do Fim

Nuno R.

write.as/kroeber

Capa:
Rui A.

Nenhuma parte desta história pode ser reclamada pela lei, privatizada ou impedida de ser distribuída. Qualquer tentativa de supressão ou propriedade será recebida com subversão, criatividade e sentido de humor. Todos os leitores são bem-vindos. É na transmissão pessoal que se investe aqui. Se as páginas que se seguem o inspirarem, envia uma cópia a um amigo, ajuda a sabotar a distopia.

sabotage#0 é uma rede de distribuição de histórias. Narrativas curtas contra um longo deserto. Se a realidade é distópica, a imaginação continua rebelde. #0 para sempre 0#, porque o momento é agora, antes e depois do futuro.

Para fazeres parte desta rede, basta juntares o nome sabotage#0 à tua história e enviases uma cópia de volta a quem te enviou uma história. Se receberes de volta uma história, envia-a também a quem ainda não a conhece. Escreve em qualquer língua, envia para qualquer parte do mundo. Podes também partilhar a página:

write.as/sabotage.

Traduz, adapta, encena, filma, lê em voz volta ou sussurra ao ouvido. Descobre o potencial que nem o autor anteviu. As histórias vivem enquanto se contam.

Traduz esta explicação à tua maneira para as línguas que falas.

Mundo do Fim

João há-de morrer. Enquanto respirar, que o faça longe dos outros. Não existe nenhum cartaz com um desenho dele a dizer Procura-se. Encontrou-se, poderia ser essa a legenda da sua foto transmitida, publicada e partilhada mil vezes. O seu rosto semi-oculto pela máscara invadiu o mundo como a face do perigo residual. João não é uma pessoa, é uma ideia, uma ameaça. Até o nome é invenção, para esconder a sua identidade em plena vista do mundo.

John, Can, Eoin, Hans, Shane, Janns, Ianto, Gjoni, Yannis, Honza, Dzon, Ionel, Xoán, Vanya, Zane.

O nome é fictício e traduzível. Existe em muitas das línguas do planeta. É de alguém que poderia ser qualquer pessoa. Os governos do mundo concordaram em manter a sua nacionalidade secreta. Cada país usa a variação local do nome. João é o último paciente. O contaminado derradeiro. A morada que resta à doença. As suas células executam as ordens do vírus. O seu corpo está a mando de outra espécie. Para a espécie humana é já estrangeiro e ameaça. Há-de morrer, João. Que não leve ninguém com ele e o faça longe de todos.

Nos fóruns de teorias da conspiração falou-se de todo o tipo de mentiras e ocultações. Muitos mundos paralelos ali eram construídos, só para evitar o mundo real. As conspirações teorizadas davam conta da origem do vírus, da sua inexistência, do seu uso com fins militares, de todos os temas relevantes, afinal. Mas faziam-no enterrando a verdade em montanhas de paranoia e delírio. Uma teoria, no entanto, sobreviveu. Impedindo que se pudesse respirar de alívio.

O anúncio formal tinha sido o maior evento mediático à escala planetária. Depois de meses de isolamento, medidas de exceção, restrição de liberdades. Depois de tantos mortos, do sofrimento de milhões. Depois do colapso financeiro, da reorganização da economia em meia-dúzia de monopólios transnacionais. A vitória. A humanidade tinha banido o vírus da face da Terra. Depois da varíola, mais uma doença tinha sido erradicada graças ao esforço unido dos cientistas e governos. A vitória. O sacrifício tinha produzido fruto. As mortes, o sofrimento, a ruína não foram em vão. A humanidade sairia mais forte, numa purga social-darwinista que era suposto celebrar.

Encontrou-se mesmo o último doente, um ancião italiano, de origem etíope. O mundo chorou lágrimas iluminadas pelos ecrãs quando Kamali, na sua cama de moribundo, proclamou: “eu

sou ómega”. O magro corpo daquele homem de 81 anos era a imagem do sacrifício, da vitória. Ali morreria o vírus.

Mas um meme veio abalar a comovida resignação do mundo. Ómega mais um. $\omega + 1$.

A representação do primeiro ordinal a seguir ao infinito tornou-se rapidamente o graffiti mais popular nas cidades que tinham sido devastadas pela pandemia. Os media tradicionais apanharam o comboio de popularidade da expressão e convidaram matemáticos para explicar os números surreais de John Conway. E dizer como a humanidade passou a ter mais números para contar do que a matemática de Georg Cantor nos tinha dito ser possível. Os infinitos são coisas mesmo muito grandes, mal comportadas, que nunca acabam quando se espera. A semiótica foi esmiuçada, mas evitavam-se as consequências políticas. Ainda assim, as televisões, jornais e rádios amplificaram esta ideia.

A seguir ao fim há sempre algo.

A identidade de várias pessoas foi revelada no 16chan. Doxxing, swatting, envio de ameaças de morte e pelo menos uma tentativa de assassinato. Estes candidatos a empecilho do fim sofreram o assédio esperado. Nas primeiras 10 horas a seguir ao infame post com as suas identidades, a vida destas pessoas tornou-se um pesadelo de sobrevivência. Vieram mais conferências de imprensa. A garantia a todos os cidadãos do mundo que o vírus tinha desaparecido com o doente ómega.

Alguns argumentos conspiracionais não foram contestados. Dizia-se que os cientistas obviamente teriam cópias do vírus para o poder estudar. Que vários laboratórios, provavelmente, o teriam armazenado. Que nenhuma certeza absoluta era possível e talvez houvesse já uma mutação a ser transmitida.

Passados apenas 3 dias depois das falsas acusações, a verdade.

A verdade é a substância mais preciosa para a humanidade. Todos querem controlar a sua produção. Todos querem atribuir-lhe um preço, vender a que têm, regular a sua distribuição. A luta foi feroz. Dar um rosto humano à verdade é acrescentar emoção a uma ideia, talvez por isso se coloquem rostos nas notas e moedas.

Um obscuro site de fugas de informação ligado a grupos anarco-capitalistas tinha documentos, áudio, vídeo. Eram as provas de que a Organização Mundial da Saúde, com o conhecimento de vários governos, ocultaram a existência de mais um doente. $\omega + 1$.

Porque as fórmulas são pouco práticas para chamar alguém, ficou João.

A chantagem mediática que o site redpill.leaks fez foi eficaz. Primeiro enviaram as provas de que sabiam a verdade. A seguir deram 24h para que a Organização Mundial da Saúde a revelasse ao mundo. A ameaça velada era a seguinte: se não tentarem vender a vossa verdade é a nossa que será contada. Resultou. Havia agora um rosto para a ameaça que afinal ainda existia.

Todos tentaram liderar a discussão. A primeira luta foi decidir o que é que devia ser

discutido, restringindo a todos os outros a liberdade de ter dúvidas. Red Pill tornou-se marca. Houve um site onde a pergunta foi feita: João deve morrer? Para os ultra-capitalistas era esta a única questão. Deixavam a possibilidade às pessoas de ter compaixão, mas erguiam à partida a espada sobre a cabeça de um ser humano. Não queriam mais discussão que esta, sim ou não à morte.

Vários grupos se organizaram para localizar João e o ajudar a escapar. Esta estratégia foi ridicularizada, chamada de Animal Liberation. Os seus críticos diziam que reforçava o carácter de circo à volta de João e o tratava como um animal enjaulado.

Muitas máscaras voltaram a ser usadas. Quer por medo de um vírus que afinal ainda vive em humanos, quer por solidariedade simbólica. Muitas pessoas escreviam na máscara, por cima da boca, a palavra João. As variações locais do seu nome tapavam a boca dos que protestavam, como para dizer que se recusavam a entrar no campo minado das discussões.

Alguns graffittis mais violentos se começaram a propagar. Animais a serem sacrificados, com o nome João escrito em vermelho. A sugestão de que este era um inevitável bode expiatório.

Houve argumentos de teoria de jogos e de moral utilitária que defendiam o sim ou o não.

A pressão para transformar a pergunta num referendo era enorme. Fizeram-se as contas. Tinham morrido mais de 75 milhões de pessoas. Um tétrico um por cento de todos os humanos. João era 0,0000013 por cento das pessoas que tinham morrido. E vivia. A sua vida era um insulto à morte de tantas pessoas. Quanto mais vivesse mais pairava sobre o resto da humanidade a sua desmedida importância. Até nos debates mais sérios entrou a insidiosa pergunta da Red Pill. E em poucos meses era essa praticamente a única questão discutida. Deve morrer João?

(...)

Hoje será anunciada uma decisão. Depois de vários regimes autoritários terem feito o referendo, sempre com a mesma vitória retumbante do sim. Depois de os adeptos do não terem desistido de votar no site da Red Pill, deixando que 90% dos cliques confirmassem a sentença de morte. Depois de o mundo diplomático levar a sério a vida de apenas uma pessoa.

Os EUA, a UE, a China e a Rússia, que ainda não se pronunciaram, farão um comunicado simultâneo com uma decisão única. Há pipocas e ecrãs gigantes. O mundo espera declarações à imprensa como se fossem resultados desportivos. Pouca gente tem dúvidas sobre o que irá ouvir, mas isso em vez de diminuir a curiosidade, aumenta a vontade de escutar. Depois de tanta incerteza e caos, conseguir adivinhar o futuro parece um superpoder que a humanidade partilha.

Algo acontece porém, negando a predestinação. 15 minutos antes da hora do anúncio, João tira a máscara. Começa uma transmissão em direto em que conta a sua breve história. Sim, transportou o vírus, mesmo depois de Kamali morrer. Mas está imune, há longos meses. Nem que

quisesse poderia contagiar outras pessoas. João fala para a câmara, sozinho. Fala como se todo o mundo o escutasse. “Bem-vindos ao meu podcast. Este é o *Mundo do Fim*”.